OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18. n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Estrangeiro (união geral dos correios) .	5$000	2$500	-$-	-$-

7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 184

1 DE FEVEREIRO 1884

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

O governo teve o bom senso de se deixar de correr as aventuras de emprezario lyrico, e acaba de pôr a concurso o theatro de S. Carlos.

E tanta pressa teve de se ver livre da administração, que decerto impensadamente tomou, que nem mesmo acaba a actual epoca lyrica.

É esta pressa que nos prova que a primeira resolução foi impensada.

Porque no fim de contas as circumstancias de hoje são as mesmas de ha dois mezes, senão peiores, e por tanto o governo podia ter feito então, o que fez agora, pôr o theatro a concurso para a epoca proxima com a obrigação para a empreza, a quem o theatro fosse adjudicado, de acceitar a companhia actual, mantendo aos artistas as escripturas feitas, e concluir a *temporada* de 1882 a 1884, exactamente como se praticou quando em 1876 foi rescindido o contracto á empreza Troni & C.ª

Não se fez isto porque?

Naturalmente porque o governo receiou que ninguem quereria tomar o theatro n'essas condições e effectivamente não se nos afigura que fosse lá grande negocio, para qualquer empreza tomar o theatro de S. Carlos, com a obrigação de ter de manter uma companhia, que estava desagradando e que nem se quer fora por ella escolhida.

Mas as circumstancias de hoje são por ventura mais lisongeiras que as de então?

Parece-nos exactamente o contrario, e pela simples razão do commissario do governo ter feito, como era do seu dever, tudo que se podia fazer na occasião, para animar os espectaculos de S. Carlos, e tornal-os attrahentes.

E se o commissario do governo fez tudo, quem tomar agora o theatro nada póde fazer.

Faltava por exemplo um contralto na companhia

O commissario do governo procurou o melhor contralto que havia disponivel, — a sr.ª Pozzoni, e esse melhor contralto esteve muito longe de satisfazer as exigencias do publico.

Que contralto hade agora o novo emprezario escripturar, se o melhor, já cá esteve e distanciava-se muito de ser bom?

Havia um recurso extremo para attrahir o publico a S. Carlos — trazer-lhe o Gayarre.

O governo trouxe o Gayarre e serviu-o ao publico por um preço exageradamente caro, n'umas condições que seriam um bom acto de administração n'uma empreza perfeitamente commercial, mas que não se nos afiguram um grande acto de administração theatral por parte de uma empreza do governo, que não estava alli para fazer commercio, mas simplesmente para fornecer ao publico, com o dinheiro de quem o theatro é administrado, espectaculos lyricos dignos de um theatro de primeira ordem.

Não tendo dama ligeira, o commissario do governo procurou a melhor dama ligeira que havia disponivel e trouxe-a. Essa dama ligeira é a sr.ª Ritter, que ainda não tivemos o prazer de ouvir, mas cuja boa reputação é um pouco prejudicada pela escriptura immediata da sr.ª Donadio

Porque de duas uma, ou a sr.ª Ritter, é tão boa como a sr.ª Donadio, ou não o é.

No primeiro caso não se comprehende a escriptura da sr. Donadio, no segundo, a empreza que tomar o theatro hade ver se sériamente embaraçada para dar com a sr.ª Ritter as operas ligeiras que tiverem sido dadas com a sr. Donadio.

Por tudo isto afigura-se-nos que as circumstancias de hoje, são muito mais difficeis e perigosas para quem tomar o theatro de S. Carlos, que as circumstancias em que elle estava ha dois mezes.

Quem então o tomasse poderia fazer o que fez o governo; quem o tomar hoje o que hade fazer?

E depois, deante da condição do programma do concurso, que endossa o resto da epoca lyrica á empreza a quem o theatro fôr adjudicado, surge uma interrogação de difficil resposta.

O governo, apezar de ter lançado mão de todos os meios, e de todos os preços, para administrar o theatro durante os dois mezes findos perdeu ou ganhou dinheiro?

Se perdeu, como demonio hade querer esse encargo agora, uma empreza que já não póde dispôr dos recursos de que o governo dispoz, porque é claro, que quem tomar agora o theatro não hade reescripturar a sr.ª Donadio, a sr.ª Pozzoni, e tornar a chamar o sr. Gayarre?

Se ganhou para que passa o governo a mão, abrindo o concurso pelo curtissimo espaço de oito dias, de afogadilha, inesperadamente, não dando tempo a que appareçam concorrentes?

Exactamente na occasião em que toda a gente falla na necessidade urgente de modificar completamente o theatro de S. Carlos, de acabar com a rotina vergonhosa que faz com que o estado gaste 25 contos annuaes em subsidiar um theatro lyrico, que não corresponde de fórma alguma aos seus fins artisticos e ás exigencias justissimas da critica e do publico, o governo tendo por umas circumstancias anormaes tomado conta do theatro, e tendo assim ensejo de poder estudar com cuidado e tempo, a maneira de melhorar as condições da nossa scena lyrica, de confeccionar escrupulosamente um programma, que não fosse uma phantasia dourada, que não se prestando a uma realisação practica apenas se preste a sophismas permanentes, e que garantisse solidamente, sériamente os interesses da arte e do publico, de modo compativel com os interesses da empreza exploradora do theatro, o governo, repetimos, tendo ensejo de fazer tudo isto, visto estar, como vulgarmente se diz, com as mãos na massa, não fez nada d'isso, recopiou os programmas antigos, cujos erros estão tristemente comprovados pela practica de muitos annos, fazendo apenas ao emprezario futuro uma concessão de augmento de preços, que é contra o publico desde o momento em que a esse augmento não correspondem garantias algumas de melhoria de espectaculos, e impondo a obrigação onerosa de continuar a epoca actual, que póde por ventura afugentar do concurso alguns candidatos.

AUGUSTO SOARES DE AZEVEDO BARBOZA DE PINHO LEAL
FALLECIDO EM 2 DE JANEIRO DE 1884 (Segundo uma photographia de Fritz)

120

E depois, um concurso feito sobre bases sérias para adjudicação do nosso primeiro theatro, do unico subsidiado com dinheiro pelo estado, não deveria nunca ser feito de afogadilha, no prazo curtissimo de oito dias, que equivale a um concurso á porta fechada.

Pelo contrario, esse concurso devia ser feito com a mais ampla publicidade, devia ser aberto em todos os grandes centros theatraes da Europa, devia procurar por todos os meios o maior numero possivel de concorrentes; porque assim teria o governo por onde escolher, poderia fazer selecção, entre muitas propostas, d'aquella que mais garantias offerecesse.

Assim, do modo como é feito o concurso, o numero dos concorrentes será extremamente diminuto, e do modo como é feito o programma, seja qual fôr o futuro emprezario, continuaremos a ter o theatro lyrico tão mau, senão peior do que o temos tido.

Continuaremos, portanto, por mais cinco annos a ouvir as estafadas operas italianas que constituem o repertorio usual de S. Carlos, continuaremos afastados completamente de todo o movimento musical moderno, continuaremos a ter as *mise-en-scènes* vergonhosas, ridiculas e rotineiras, que acompanham essas operas, continuaremos a gastar 25 contos de réis por anno no theatro de S. Carlos, sem proveito para ninguem, sem utilidade para a arte, sem prazer para o publico.

É triste, mas agora é irremediavel.

Esperemos portanto mais cinco annos.

O grande actor Ernesto Rossi terminou a longa serie das suas representações em Lisboa, e vae dar vinte recitas ao Porto.

Lisboa recebeu-o com todas as honras devidas ao seu extraordinario talento, e as suas representações foram uma serie não interrompida de ovações enthusiasticas.

Quando se annunciou a vinda de Ernesto Rossi houve muito quem prognosticasse má sorte ás suas representações.

E os quinze annos que tinham passado sobre os grandes triumphos de Rossi em Lisboa, davam até certo ponto razão a esses prognosticos.

Rossi chegou e o seu talento colossoal desfez completamente todas as apprehensões. Os annos nada puderam contra esse genio brilhante, que impera hoje quasi sem rival na Arte contemporanea, e se no *Romeu e Julietta*, por exemplo se percebe um pouco que Rossi era já um grande artista quando ha 15 annos representou em Lisboa, no *Rei Lear*, no *Luiz XI*, no proprio *Hamlet*, vê-se que ha 15 annos Rossi não era um artista inexcedivel, porque excede extraordinariamente tudo que n'aquelle tempo fez.

Rossi é hoje um mestre consumado, completo. A sua arte affirmou-se, amadureceu com a idade, e hoje desappareceram as incorrecções, aliás brilhantes ás vezes, do Rossi de ha quinze annos, para se accentuarem todas as grandes qualidades de certeza, de segurança, de serenidade, de *definitividade*, que caracterisam os artistas colossaes e irreprehensiveis.

Temos ha muito tempo sobre a nossa mesa um livro de um escriptor de muito talento, de um trabalhador infatigavel, o sr. Lourenço Pinto, editado pelo afamado editor do Porto o sr. Ernesto Chardron.

Chama-se o *Homem indispensavel* esse livro que, preoccupações e trabalhos diversos nos tem impedido de lêr, e que apenas aqui e alli folheámos, o bastante contudo para vermos que não desmente a fama justissima do nome illustre do seu auctor.

Ao lado d'esse livro veiu collocar-se mais recentemente um grosso volume de um outro escriptor, dos mais talentosos e illustres, cujo espirito brilhante de ha muito admiramos: — as *Leituras de Verão*, do visconde de Benalcanfôr.

As *Leituras de Verão* são editadas pela acreditada livraria fluminense Faro & Lino, e constam de varios folhetins e artigos publicados pelo visconde de Benalcanfôr em diversos jornaes, que, separadas completamente pelo assumpto, se ligam em um todo harmonioso pela verve deliciosa, pelo talento superior, pela elevação da critica, pela elegancia de estylo e sobre tudo pelo *entrain* extranho, que distingue entre todos os escriptores e conversadores portuguezes o visconde de Benalcanfor.

As *Leituras de Verão* são prefaciadas por Julio Cesar Machado.

Vamos ler estes dois livros, e brevemente falaremos d'elles e d'outros que já de ha muito temos obrigação de dizer.

Chegou ha dias a Lisboa onde vem assentar a sua residencia e estabelecer o seu escriptorio de advogado, o dr. Luiz Gonzaga dos Reis Turgal.

O dr. Turgal é uma das illustrações do fôro da provincia, um advogado notavel *doublé* de um escriptor distincto, e de um cavalheiro por todos os titulos digno da sympathia e da consideração de quantos o conhecem.

Honramos-nos ha muito de o termos por amigo e por collega na imprensa, e por isso folgamos de o vêr estabelecer-se em Lisboa, onde a sua intelligencia e a sua capacidade teem muito maior esphera de acção, e damos-lhe com toda a sympathia as boas vindas.

Gervasio Lobato.

O auctor do Portugal Antigo e Moderno

Chamava-se Augusto Soares d'Azevedo Barbosa do Pinho Leal. Nome tão comprido como a sua obra. Tudo n'elle era grande: o corpo, a magnanimidade da alma, a caridade, a teimosia, o affecto, o desabrido da phrase, a paixão politica, a prodigalidade, n'uma palavra: tudo! Ninguem ao vel-o, nem mesmo ao tratal-o superficialmente, diria que era um homem que passara o melhor da sua vida lendo e escrevendo. Tinha a apparencia rude e desleixada de um feitor da America, e ninguem se lhe avantajava no pittoresco da phrase. Diga-se a verdade: a casca era de extrema grossura e rigeza; mas, quebrada ella, encontrava-se uma polpa deliciosa.

O coração extremava-se entre os melhores, e, quanto a saber, tinha o que provém do longo manusear de soffriveis livros, auxiliado por uma intelligencia clara e uma memoria felicissima. Os seus estudos regulares foram interrompidos pelas dissensões civis entre liberaes e realistas.

Pinho Leal, que pertencia a estes ultimos, sentára praça em Castro Marim, em caçadores 4, emigrando quatro dias depois para Hespanha com o batalhão. Seguiu-se a campanha de 26 e 27. Em 1828 regressou a Lisboa, estudando então durante um anno no Collegio dos Nobres. Por conveniencias de familia pediu e obteve passagem para a guarda real da policia do Porto, tratando logo de alcançar licença para estudar mathematica na academia de marinha e commercio d'aquella cidade. Mais tarde passou para o batalhão de caçadores da Beira Baixa, tomando parte em differentes acções, até que na ultima, na memoravel batalha da Asseiceira, em maio de 1834, foi ferido por uma bala na perna esquerda, e ficou prisioneiro do conde de Villa Flor. A convenção de Evora Monte deu-lhe a liberdade, um mez depois.

Começou então para Pinho Leal, que contava apenas 18 annos, uma vida cheia de episodios e aventuras, que não podemos aqui descrever, por carencia de espaço. Vendo-se sem recursos, por que a desgraçada guerra fratricida deixára em precarias circumstancias a sua familia, fez-se mestre escóla. Mas tal profissão, que requer paciencia em alto grau, não se coadunava com o seu espirito irrequieto e um tanto violento. Largou a ferula e empunhou o pincel. No verão de 1840, foi encarregado de pintar a egreja de Santa Eulalia de Arouca. Nos intervallos caturrava com o abbade e lia-lhe os velhos alfarrabios, entre os quaes encontrou o *Dialogo de varia historia* de Pedro de Mariz. D'ahi lhe veiu a paixão pelas antiguidades, e, por ventura, a vaga intuição do *Portugal Antigo e Moderno*.

De pintor tornou a militar, entrando na revolução da Maria da Fonte, para o que armou 100 homens á sua custa; com elles se apresentou a Macdonell, em Castello de Paiva, sendo mais tarde feito prisioneiro pelos cabralistas em Traz-os-Montes. Conseguiu, porém, escapar-se, graças á intervenção dos barqueiros do Douro, que valentemente o tiraram do meio da escolta!

Tempo depois, foi nomeado sub-delegado do procurador regio no julgado de Fermedo, onde se conservou alguns annos. Finalmente, em 1860, tomou a seu cargo a administração da casa do Côvo, perto de Oliveira de Azemeis, e foi então que o seu diccionario teve um impulso mais sério e definitivo. A casa do Côvo, rica como era, tinha propriedades em quasi todas as provincias do paiz. Pinho Leal, na qualidade de administrador, via-se obrigado a visitar essas propriedades para receber rendas e fóros.

N'essas excursões por todo o reino, andava sempre de lapis na mão, tomando nota de tudo que via, perguntando, investigando, inquirindo com uma paciencia e tenacidade inexcediveis. Amontoados tantos subsidios, já não era possivel recuar: o *Portugal Antigo e Moderno* tinha de apparecer fatalmente. O acaso, um acaso feliz, veiu concorrer para a elaboração d'essa obra monumental, a que só os vindouros farão talvez inteira justiça.

Pinho Leal estava na villa de Arouca. Não me recordo o motivo, mas o certo é que teve de ir ao Porto. Mandou apparelhar um cavallo, cobriu-se com um bom capote de camelão, e elle ahi parte para a cidade invicta. A noite veiu surprehendel-o no caminho, e, peior que a noite, uma temerosa trovoada, acompanhada de chuva verdadeiramente torrencial. O nosso viajante, não tendo onde recolher-se, puxou mais para cima a gola do capote, carregou o chapeu para os olhos, afrouxou a rédea e deixou que o pobre cavallo caminhasse á vontade.

Passado um bom lapso de tempo, a chuva parou, finalmente, e o céu, já limpo de nuvens, deixou ver a formosa lua, que veiu illuminar os campos com os seus raios de prata. O cavalleiro ergueu então a cabeça, para se orientar, mas não reconheceu o sitio onde estava. A pobre alimaria, batida pela tempestade, desnorteada, sahira da estrada, internando-se pelos campos. Pinho Leal reconheceu logo o contratempo, e tratava já de procurar a estrada quando, affirmando-se no terreno, reparou que estava juncado de pedras pretas, postas a descoberto pelas cataractas de chuva que pouco antes se tinham despenhado do céu. Apeiou-se, movido pela sua innata curiosidade, apanhou algumas das taes pedras negras e metteu-as nos alforges. No dia seguinte, ao chegar ao Porto, foi procurar um amigo que era engenheiro e mostrou-lhe as pedras, perguntando-lhe:

— Que diabo é isto?

O engenheiro sorriu-se e voltou-lhe:

— O meu fogareiro que lhe responda. É carvão de pedra.

— Bem me queria a mim parecer. O raio do cavallo teve mais juizo do que eu!

Pinho Leal habilitou-se como descobridor legal de uma mina de carvão de pedra; foi-lhe dada a concessão, que tratou logo de vender por alguns contos de réis. Com este dinheiro veiu para Lisboa, e aqui se demorou onze mezes, durante os quaes nem um só dia deixou de ir á Torre do Tombo, ou á bibliotheca publica. Leu chronicas, copiou foraes, deslindou manuscriptos, interpretou inscripções, n'uma palavra: juntou um cabedal immenso para o seu querido diccionario, que era o seu sonho, a sua preoccupação constante, a sua teima, como elle ás vezes dizia.

De facto, só por uma pertinacia de velho benedictino se podia levar por deante uma obra tão colossal e complexa. O que fez um só homem, sem recursos, sem protecção official, sem diplomas de sabio, seria trabalho para uma academia inteira.

Não ha em paiz algum uma obra como o *Portugal Antigo e Moderno*. Nem seria possivel; porque, se para descrever Portugal são necessarios dez volumes, quantos seriam precisos para descrever a França, por exemplo? É isenta de defeitos esta obra? Não, decerto. E qual poderá apontar-se como perfeita? Camillo Castello Branco, o grande escriptor, classificou-a de *armazem de noticias*. A arrumação póde ás vezes ser pouco methodica, haver uma tal ou qual confusão nos copiosissimos artigos; entretanto, procurem o que desejam, que lá hão de encontral-o no *armazem*.

* * *

Pinho Leal não póde escrever a palavra *Fim* na sua obra de quarenta annos, e que estava a poucos passos do seu termo.

A morte veiu feril-o implacavel, na madrugada de 2 de janeiro do corrente anno, na sua casa de habitação na rua de Serralves, n.º 393, em Lordello do Oiro. No dia 22 de dezembro sentiu-se incommodado, recolheu-se á cama, e o medico requereu logo uma conferencia, cujo prognostico foi fatal.

Pinho Leal nascera na calçada da Ajuda, em Belem, aos 16 de novembro de 1816. A sua biographia desenvolvida está sendo escripta pelo seu amigo dr. Pedro Augusto Ferreira, que é tambem o continuador do *Portugal Antigo e Moderno*, para o que lhe sobeja competencia.

Fui amigo e editor de Pinho Leal. Respeitei-o pelo seu trabalho infatigavel; estimei-o, porque sempre me deu demonstrações de excepcional sympathia e affecto. Extinguiu-se-lhe a vida; mas a sua memoria durará em quanto houver portuguezes que venerem aquelles que só trataram de engrandecer a patria.

Mattos Moreira.

AS NOSSAS GRAVURAS

HENRIQUE MARTIN

O anno que ha pouco desceu ás sombras do passado foi muito fatal á França, roubando-lhe desde o primeiro instante do seu nascimento, até o seu ultimo lampejo, muitos dos seus homens mais notaveis, das suas glorias mais legitimas.

O ultimo que cerrou esta longa série de victimas da fatal lei da natureza, foi esse ancião sympathico, de espirito ainda como que juvenil, que tantas recordações deixou entre nós, quando em 1880, veiu assistir aos Congressos litterario e de anthropologia e archeologia prehistorica, que então se reuniram em Lisboa: Henrique Martin.

Já no nosso n.º 69 do 1.º de novembro de 1880, dissemos quatro palavras a respeito d'este illustre escriptor e honrado homem, que tantas expressões de benevolencia e justiça soltou aos eccos da Europa, relativas ao nosso bello paiz. Digamos mais algumas palavras, porque o espaço nos falta.

Bom Luiz Henrique Martin nasceu em S. Quintino a 20 de fevereiro de 1810, o mesmo anno em que nasceu Herculano e tantos outros grandes homens d'este seculo. Seu pae, jurisconsulto distincto, era juiz no tribunal d'aquella localidade, por isso não admira que sendo educado no collegio de S. Quintino, o fosse com destino a seguir a vida de advogado.

A carreira das lettras, porém, sorria-lhe e nós vemos que desde 1830 entrou na arena litteraria pela composição de romances historicos: *Wolffhurm, La vielle fronde, Le libelliste, Minuit et Midi*, etc. Ligando-se depois por estreita amisade com Paulo Lacroix (bibliophilo Jacob), encetou a execução do plano d'este, da composição de uma *Historia de França*, composta de textos escolhidos dos antigos chronistas e historiadores illustrados e annotados por elles. Esta empresa foi, porém, algum tempo depois abandonada por elle, mas da leitura e compulsação dos antigos historiadores ficou-lhe no espirito o germen de uma *Historia de França*, que depois publicou, e que constitue um dos padrões mais notaveis da litteratura franceza n'este seculo, tendo sido alguns volumes premiados. O ultimo volume ficou para se publicar.

Henrique Martin, vivendo sempre para as lettras apenas em 1870 entrou na vida publica quando a guerra com o extrangeiro reclamou o auxilio de todos os homens de intelligencia e coração. Foi então eleito *maire* (presidente) da municipalidade de Passy, cargo que occupou até á sua morte, no meio das diversas alterações politicas occorridas desde então até hoje.

Durante os dias terriveis do cerco ninguem mostrou mais energia, e ao mesmo tempo tanta bondade para animar o coração dos desgraçados e pedir soccorros á municipalidade. Os jovens escriptores recebiam d'elle conselho e direcção, era um mestre que sempre consultavam e seguiam.

Membro da assembléa nacional e senador, jámais abandonou o seu posto, ou deixou de concorrer ás respectivas sessões.

Em Passy trabalhava no seu jardim que fica a dois passos do que pertenceu a Julio Janin. Durante as ferias parlamentares não cessava de visitar os paizes estrangeiros ou os logares monumentaes. Assim em 1880 veiu a Portugal, nos annos seguintes á Bretanha e ás suas *grandes pedras*, como elle chamava ás de Carnac e de Lecknariacker, e ainda nos ultimos mezes, apezar dos seus 73 annos, foi saudar sobre a rocha da Acropole o *Parthenon* de Athenas *que é necessario*, como dizia, *ser visto antes de morrer*.

A Gallia era a sua predilecção, e por isso o grande chefe gaulez Vercingentorix foi o heroe do seu bello drama em verso, representado ha dois ou tres annos no theatro das Nações.

A sua morte, fructo da confiança na sua construcção e vigor, causou grande sentimento em toda a França. Sahindo á noite de uma sessão no senado, onde havia uma temperatura elevadissima, subiu para a imperial de um carro para se dirigir a casa; o frio era intenso, uma congestão poz termo á sua existencia em dois ou tres dias.

Havia recommendado em uma carta, especie de codicillo, de 30 de março do anno passado enterro muito simples, e que o excedente entre a despeza d'elle, e a que se faria com enterro pomposo seria applicado para a *Repartição de Beneficencia*, e para a caixa das escolas. Dizia mais que não queria aquillo que se chama enterro civil, porque não queria equivocos sobre os seus sentimentos religiosos, julgando-se vulgarmente estes enterros como uma prova de atheismo e materialismo; queria o enterro religioso, sem que por fórma alguma isso significasse a sua adhesão ás doutrinas do ultramontanismo e do Concilio de 1870, que combateu sempre, e crendo na transformação e não na negação das grandes tradições da humanidade, considerando que somos nascidos do christianismo, como este é oriundo das tradições do mundo antigo e que não devemos renegar esta origem.

A França, porém, poupou á sua familia essa mesma pequena despeza: a camara dos deputados decidiu que as exequias de Henrique Martin seriam feitas á custa do Estado.

Esta legitima homenagem a um homem, cuja vida foi um exemplo de rectidão, trabalho e dedicação ao paiz, foi-lhe prestada por amigos e adversarios, porque inimigos não os tinha.

Henrique Martin, falleceu a 14 de dezembro de 1883.

EGREJA DE LEÇA DO BAILIO

A fundação primitiva d'este sumptuoso templo, é ainda anterior á fundação d'estes reinos.

Entretanto da sua antiga fabrica nada existe, e o templo que hoje ainda se vê é obra de D. fr. Estevão Vasques Pimentel, que o fez levantar das ruinas do anterior, pelos annos de 1336, sendo bailio da Ordem de S. João de Jerusalem, vulgarmente conhecida por Ordem de Malta.

Vê-se pois que aquelle magestoso templo, que hoje se acha na mais avançada ruina, foi casa de uma das corporações mais importantes da edade media, que influiu por todo o mundo com o seu poder e com as suas riquezas, tomando parte nas grandes cruzadas para resgatar o templo de Jerusalem.

Avulta no edificio a construcção da torre ameada como defeza militar que acompanhava sempre as edificações das ordens militares.

A architectura geral do edificio é do estylo ogival do seculo XIV. A egreja é de tres naves sustentadas por dez arcos, cinco por banda, sendo a do centro mais elevada que as outras. Tem trinta e seis metros de comprimento e quatorze de largo, e actualmente conta cinco altares.

Na capella mór guardam-se os tumulos de D. fr. Lopo Pereira de Lima, grão prior do Crato e bailio de Leça, etc. Junto d'este tumulo, que está do lado da epistola, existe um outro de D. frei Diogo de Mello Pereira, irmão do antecedente.

Do lado do Evangelho está o tumulo de D. frei Christovão de Cernache, bailio de Leça e grão-chanceller da ordem. Este tumulo tem uma esculptura extremamente notavel, representando o bailio de joelhos orando em frente de um genuflexorio.

Dissemos que era notavel esta estatua, pela razão de não abundarem as esculpturas tumulares em Portugal, e não obstante estas esculpturas constituem hoje um grande subsidio para a reconstrução dos costumes das epocas remotas.

Ha ainda um outro tumulo notavel, o de D. frei João Coelho, grão-prior do Crato e chanceller-mór de Rhodes, o qual tem a estatua deitada, e vê-se na capella de Nossa Senhora do Rosario.

No pavimento da capella-mór jaz em sepultura raza D. frei Estevão Vasques Pimentel, fundador da egreja actual, e fallecido em 14 de maio de 1336.

Embebida na parede d'esta capella existe uma importante inscripção em latim, gravada em bronze, na qual se faz o panegirico do fundador Estevão Vasques.

Ha muito para admirar n'este riquissimo templo, debaixo do ponto de vista de arte, e não deixaremos de mencionar a sua pia baptismal como uma peça de esculptura muito notavel.

Junto á egreja ainda existe o mosteiro, de menos grandeza e de que já nos occupamos, publicando a gravura da porta em o n.º 39 do OCCIDENTE, pertencente ao 2.º volume.

Se ás bellezas do edificio como peça distincta da architectura dos primeiros seculos da monarchia, juntarmos as bellezas do sitio temos um conjuncto que convida a ser visitado pelo viajante.

Leça do Bailio é uma formosa villa da provincia do Douro, que está cerca de 6 kilometros ao N. do Porto e 165 ao N. de Lisboa

A egreja de Leça é a freguezia da villa com a invocação de Santa Maria.

CALICES DE PRATA DOURADA PERTENCENTES AO SR. LUIZ DA COSTA

No elegante bazar de antiguidades da rua do Alecrim, n.º 54, pertencente ao sr. Luiz da Costa, bazar onde os amadores nacionae se extrangeiros costumam adquirir preciosos objectos artisticos, archeologicos e historicos para enriquecerem as suas collecções, vimos os dois calices de prata dourada que vão estampados n'este numero.

O primeiro tem a base dividida em seis gomos; tres com vasos em alto relevo muito ornamentados, e os outros tres, que ficam intercalados, representam tambem em relevo, um, duas chaves presas pelas argolas postas em aspa, n'outro, em gothico floreado, as letras IHS, e no ultimo gomo YPS. O nó é bastante saliente, com a fórma hexagona coberto de bricados e arrendilhados, assim como são do mesmo feitio as duas pequenas peças que o separam do pé e da copa. Esta, na metade inferior é cheia de lavores sobresahindo uns vasos e cinco serafins. Pesa 980 gram., tem de altura 0m,28 e pertence á primeira metade do seculo XVI.

O segundo é de base circular, ornamentada de arabescos, tendo no bordo um escudo esquartelado, no primeiro e quarto quartel duas caldeiras em cada um, e no segundo e terceiro dois quadrados com uma banda, cercados por cinco escudetes com tres pontos cada um. O nó é hexagono representando as faces cinco arcadas com arrendados e pilastras brincadas. A copa tem na parte inferior arabescos similhantes aos da base, separando a liso um rebordo. Pesa 690 gram., altura 0m,24 e pertence ao fim do seculo XVI.

T. A.

ANTONIO DA SILVA TULLIO

(Continuado do n.º 18.)

V

Silva Tullio — se no lar domestico era não sómente um exemplarissimo chefe de familia e um poeta apaixonadissimo ante os suaves idyllios da vida conjugal — no trato das lettras revelava-se não menos impressionavel poeta e não menos esmerado cultor.

E outro tanto devemos ainda dizer, se o incararmos nas suas attribuições de funccionario publico.

Enthusiastico iniciador de muitos e muitos melhoramentos com que successivamente brindou a Bibliotheca Nacional de Lisboa, onde veiu a exercer o alto cargo de conservador na 2.ª repartição (Historia e litteratura) cargo a que foi promovido por virtude da reorganisação d'este estabelecimento decretado em 31 de dezembro de 1863, depois de haver servido desde 1844 como official na secção dos manuscriptos e dos jornaes politicos e litterarios — Silva Tullio assumiu por mais de uma vez a direcção interina d'aquelle instituto na ausencia do bibliothecario-mór o sr. conselheiro Mendes Leal.

E como official, e como conservador, e como bibliothecario, soube sempre deixar brilhantemente assignalada a gerencia dos seus diversos cargos por serviços relevantes e por importantissimos trabalhos.

Entre esses merece especial menção o relatorio e o regulamento que elle discreta e consciencio-samente elaborou na refórma da Bibliotheca em 1863.

VI

Apar d'isto o seu constante estudo da historia, a sua decidida tendencia para as investigações archeologicas, o seu incançavel zelo por tudo quanto se referisse a alargar a área do seu saber no campo da linguistica e da philologia, assim como o vasto e profundo conhecimento do idioma patrio que vernaculamente sabia manejar com toda a elegancia do mais galante purismo, davam-lhe ensejo a figurar na litteratura portugueza como um dos seus mais dignos representantes, ou — melhor diriamos talvez — como um dos seus proceres mais conspicuos.

Do justo apreço, em que os poderes publicos e as academias (tanto do nosso paiz como do extrangeiro) tinham o elevado merito de Silva Tullio, dão testemunho insuspeito os innumeros diplomas, officios laudatorios, convites litterarios e outros analogos documentos, todos elles honrosissimos, que por assignalado favor e penhorativa distincção me foi a mim concedido lêr, e em que solemnemente se affirmam, solemnemente se reconhecem, solemnemente se testificam as altas qualidades intellectuaes e moraes d'aquelle a quem eu desejaria prestar por minha parte o devido preito de homenagem transcrevendo na integra o proprio texto de tão significativas demonstrações. Assim me não vedassem n'este humilde tributo pago á memoria do illustre finado as constantes peias que ao expandir da penna oppõe a irremediavel estreiteza do periodico em que estou traçando estas linhas!

(Continua) *Xavier da Cunha.*

RECTIFICAÇÃO: — No numero antecedente (a pag. 18, linh. 65 da 3.ª columna), onde se lê *1858*, leia-se *1857*.

X. C.

CAMINHO DE FERRO DO DOURO

(Continuado do n.º 182)

Logo á sahida da estação do Marco de Canavezes encontra-se a ponte de Sentiães, que atravessa o ribeiro do mesmo nome. É de pedra e tem 46 metros de extensão, e 7 de altura.

Fórma-a um arco de 5 metros de abertura, tendo-se empregado na sua construcção 1:220 metros de alvenaria, dos quaes 310 em fundações, que se acham a 4 metros de profundidade e 910 em elevação. O seu custo foi de 8:949$370 réis.

Mais adiante, sobre o rio Sousa, acha-se a ponte do mesmo titulo, tambem de pedra, com 38 metros de comprimento, e um só arco, de volta inteira, de 15 metros de abertura. A sua altura maxima é de 12 metros. As fundações fizeram-se a 3 metros de profundidade, empregando-se n'ellas 160 metros de alvenaria e em elevação 1:020, o que prefaz um total de 1:180 metros. Dispenderam-se n'esta construcção 10:668$136 réis.

A via continúa a contornar, pelo lado direito, o rio Sousa, cujas aguas alimentam a feracidade dos campos que se succedem até á estação de Penafiel, de 2.ª classe, onde existem uma cocheira de carruagens um reservatorio, cinzeiro e placa.

A cidade fica a distancia de 3:800 metros, que se percorrem por uma boa estrada mac-adamisada, mas sempre em subida.

Penafiel, a antiga Arrifana do Sousa, está situada no alto de um monte, entre os rios Souza e Covallum, tendo-lhe dado os fóros de cidade el-rei D. José, em 1770, que alli creou tambem a séde de um bispado.

O primeiro e unico bispo que ahi existiu foi D. frei Ignacio de S. Caetano, da ordem dos carmelitas descalços e confessor da rainha D. Maria I.

O retrato d'este prelado acha-se ainda hoje, juntamente com os de outros varões illustres d'aquella ordem monastica, na pequena sala que precede a sachristia da igreja dos carmelitas, no Porto.

O bispo de Penafiel renunciou o bispada logo ao segundo anno da sua prelatura, em 1778, tornando então essa diocese a incorporar-se na do Porto.

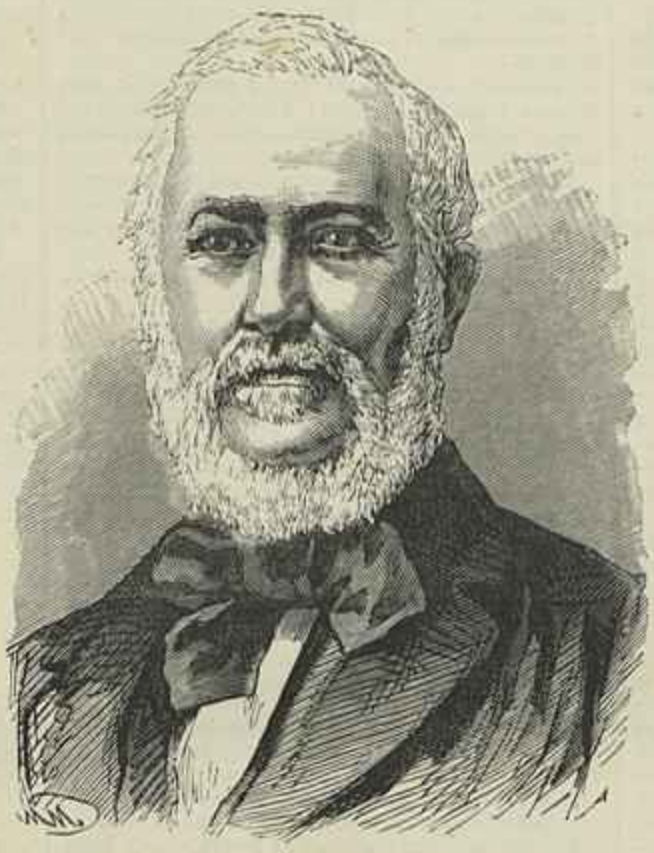
Uma circumstancia curiosa: a quinta do Prado, onde hoje está estabelecido o cemiterio do Repouso, no Porto, pertencia ao bispado de Penafiel!

Os principaes edificios, são: a igreja parochial de S. Martinho, de duas naves, edificada em 1570 e que a tradicção diz ter sido construida com a pedra do antigo castello do Sousa; o novo quartel militar situado na cerca do Recolhimento da Conceição; a igreja da Misericordia, que serviu de Sé quando alli houve bispado; e a casa da camara, onde estão tambem estabelecidos o tribunal e as repartições administrativas.

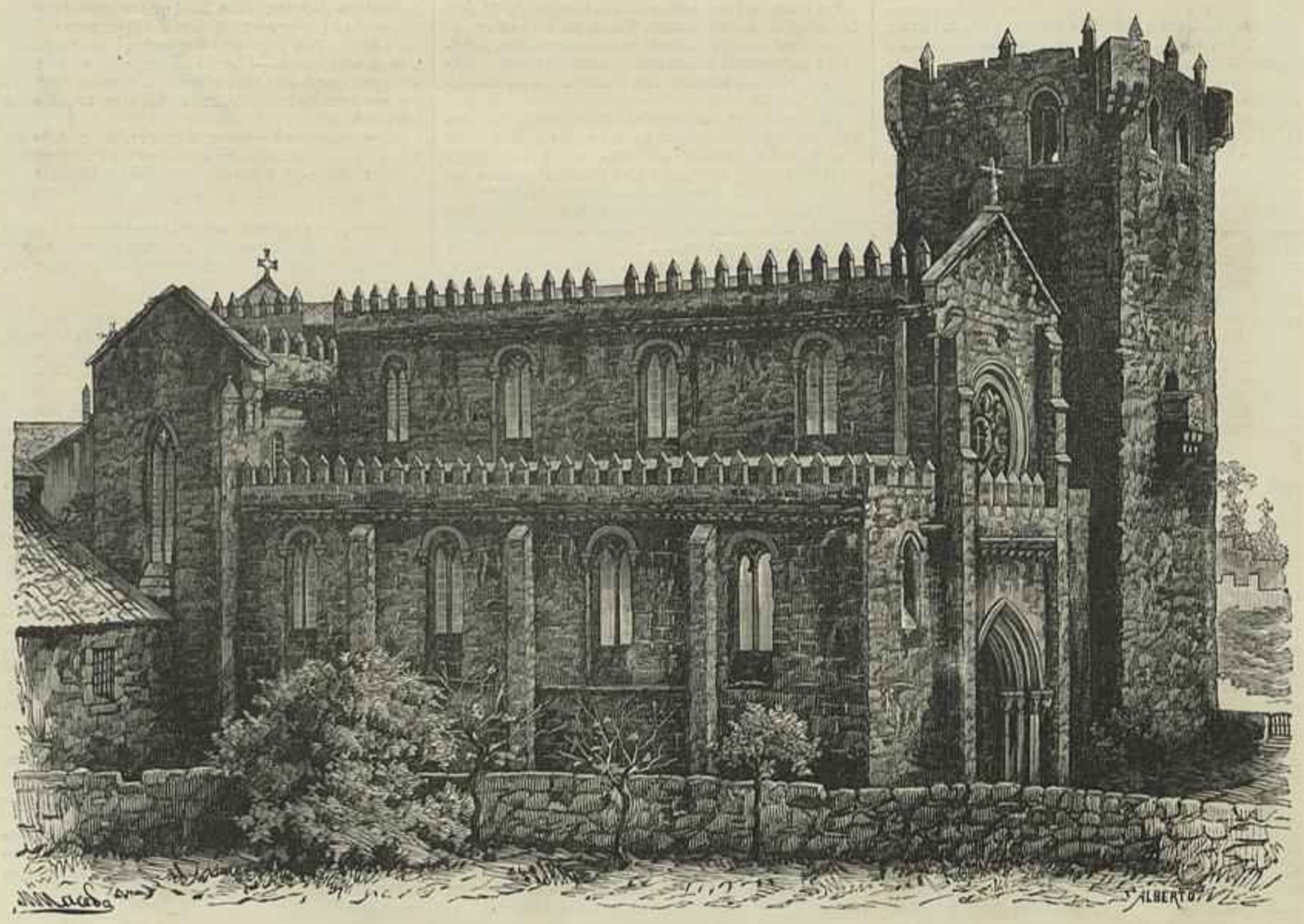
Nos arredores de Penafiel existem os restos de alguns monumentos prehistoricos que merecem a attenção dos antiquarios.

Taes são, por exemplo, os conhecidos pela denominação popular de Penedo das Merendas, e o «Carvalho das Sete Pedras.»

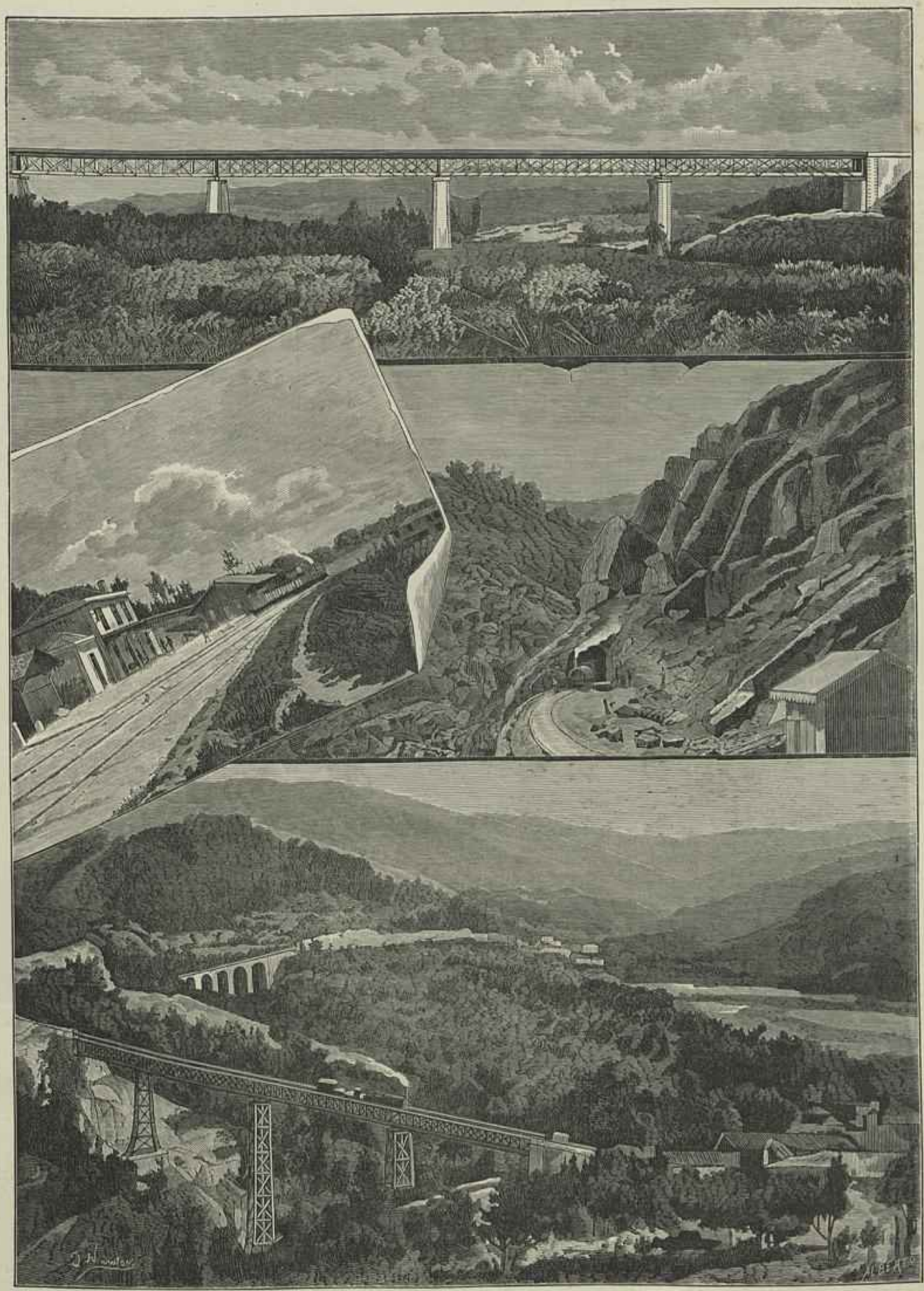
O finado archeologo o sr. Simão Rodrigues Ferreira estudou e descreveu alguns d'esses monumentos.



Henrique Martin, fallecido em 14 de dezembro de 1883



Egreja de Leça do Bailio (Segundo uma photographia de Joaquim Basto)



CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — Viaducto de Villa-Meã — Estação de Cette — Passo da Murta — Viaducto de Palla e de Ovil no Caminho de Ferro do Douro (Segundo photographias de Biel)

Tambem na veiga de Avellêda, junto á capella de S. Roque se encontra o curioso tumulo de frei Manuel da Ressurreição, que morreu com fama de santidade.

A' sahida da estação que se acha situada do lado direito, notam-se, da parte esquerda a pequena aldeia de Novellas e da direita, no cume de um outeiro elevado, o convento de Bustello, hoje propriedade particular e que foi de frades bentos. A fundação d'este convento attribue-se a um filho de D. Fayão Soares, que as chronicas dizem ter sido tambem fundador de Penafiel.

Mais adiante ainda destaca-se, do mesmo lado direito, no cabeço de um fraguedo, a legendaria cruz de Cabenellas, e em seguida passa-se pela igreja de Meinedo em que se encontram vestigios da sua primitiva architectura gothica. Esta igreja, que se diz pertencera a um antiquissimo mosteiro de benedictinos, foi doada em 1131 por D. Affonso Henriques a D. Hugo bispo do Porto. Querem alguns auctores tambem que a povoação de Meinedo fosse cidade episcopal, tendo por bispo santo Thyrso, que os moradores de Arrigana do Sousa haviam morto ás pedradas.

Do lado esquerdo vão-se descobrindo varias povoações, entre as quaes se destingue a Villa de Lonzada, e a linha continuando a subir, alcança o ponto culminante pouco antes de chegar a Cahide.

A estação de Cahide, de 3.ª classe, tem cocheiras de carruagens e de machinas, caes de carvão, reservatorio, sallas de classes, restaurante, etc. Fica situada á esquerda da via.

A tres kilometros de distancia acha-se a quinta de Alemtem, em que está instalada a quinta regional do districto do Porto e a seis kilometros a Senhora da Apparecida, onde todos os annos se faz uma grande romaria

Logo depois da estação entra-se no tunnel da Tapada de D. Luiz, uma das obras mais importantes e difficeis da linha. Tem 1:086 metros de extensão, havendo-se prefurado para elle quatro poços com a profundidade total de 185m,80.

Foi todo aberto em rocha, por meio de dynamite, e as primeiras difficuldades com que se luctou na sua construcção foram a dureza da rocha e a grande abundancia de agoa, cujo esgoto se fez por meio de bombas, uma d'ellas a vapor.

Por causa da inclinação das camadas da rocha o tunnel teve de ser todo revestido. O revestimento dos pés direitos é de alvenaria de paramento na extensão de 225 metros e de alvenaria ordinaria nos 861 restantes. No interior, cujo pavimento tem a pendente geral maxima de 0m,015, ha dez nichos ou guaritas de abrigo, distanciadas de 100 em 100 metros e todas situadas do lado direito. O custo d'este tunel foi de 396:223$144.

A entrada do tunel é traçada em curva de 300 metros do lado de Cahide, e á sahida encontra-se outra curva de 400 metros, á qual succede uma contra-curva de 300 metros de raio em mais de 1 kilometro de extensão, para fazer convergir a linha pare o valle do Douro.

A secção que se prolonga depois da estação de Cahide é a mais accidentada de todo o traçado, terminando essa subida a 26 kilometros adiante, quando a linha alcança o referido valle do Douro.

Entrando-se no valle de Odres, cuja vegetação pittoresca mais se harmonisa com as sinuosidades do terreno, descobre-se pela curva do traçado, o viaducto de Villa Meã, de ferro. O seu cumprimento é de 221m,90, tendo quatro tramos, dos quaes dois de 40 metros e dois de 50. A sua altura maxima é de 23m,10, e as fundações acham-se á profundidade de 5m,24.

Os pilares são de pedra, tendo-se empregado 6:260 metros de alvenaria, sendo 2:200 em fundação e 4:060 de elevação.

O viaducto compõem-se de dois encontros e tres pilares, tendo estes as alturas de 13m,20, 17,20, e 17,20 acima da sapata. O pilar n.º 2 tem 4m,44 de altura de fundações de pedra e assenta sobre uma camada de beton de 0m,80 de alto. Nos alicerces d'este pilar encontrou-se agua, empregando-se no seu esgoto as bombas de Letestu, não havendo difficuldades nas fundações dos outros pilares. A sobstructura metalica foi fornecida e assente pela casa Eifel & C.ª, achando-se n'ella empregado o contra carril de segurança, para prevenir descarrilamentos. introduzido pela casa Cail e de que possue privilegio. A obra de arte descripta importou em 59:595$597.

As avenidas teem, uma 23 metros e outra 15,70.

Adiante d'este viaducto acha-se a estação de Villa Meã, de 3.ª classe, situada á direita em uma curva de 300 metros.

É d'aqui que se segue, em diligencias que se encontram á chegada dos comboyos, para a villa de Amarante, que fica a cerca de 10 kilometros de distancia.

A linha desce em successivas curvas e contra-curvas de 400 e 500 metros de raio, separados por pequenos alinhamentos rectos para o rio Odres, que é atravessado por uma ponte de pedra de 28 metros de extensão com um só arco de 10 metros de abertura. A sua altura maxima é de 9m,16 e as fundações acham-se a 1m,50 de profundidade. Empregaram-se n'esta obra 600 metros de alvenarias, sendo 30 em fundações e 570 em elevação, e o seu custo foi de 6:858$423.

Porto, novembro de 1883.

(Continúa) *Manuel M. Rodrigues.*

O MOSTEIRO DE AROUCA

(Continuado do n.º 183)

IV

O MOSTEIRO

O caso é que a fama do poder milagroso da santa, cada vez mais acrescentada e robustecida, se dilatou breve pelo reino, com vantagem bem palpavel para os interesses da villa, aonde frequentes topavam os peregrinos e os devotos, já procurando remedio a seus males, já para cumprirem promessas e agradecerem virtudes operadas; e ainda com mais decidida vantagem para o fomento do mosteiro, que a olhos visto se enriquecia com numerosas cedencias e doações. O proprio Affonso III, tomado de religioso respeito pelas cinzas d'aquella tia, quiz ser-lhe de algum modo agradavel além tumulo, e para isso doou no mesmo anno de 1256 ao mosteiro, que d'ella fôra tão querido, a villa de Arouca e todas as terras e couto annexas, precisando bem a demarcação d'estes dos terrenos limitrophes de Alvarenga, Paiva e Espiunca. Assim o prova uma carta patente original, conservada na Torre de Tombo (1), com o sello real pendente em cêra vermelha, e trazida tambem de Arouca por Alexandre Herculano.

Por esta traça, e ainda mais por particular industria das monjas, se foi o convento alargando em poderio e riqueza territorial; por fórma que em fins do seculo XVI era senhor de todo o feracissimo valle de Arouca, n'uma redondeza de mais de 20 kilometros quadrados, fruia os direitos reaes sobre a villa e toda a sua jurisdicção, muitas propriedades e rendas no concelho de Estarreja, com varios padroados de egrejas e o dominio directo de muitas herdades no concelho de Fermêdo, e recebia além d'isso avultadas e muito valiosas rendas e fóros de numerosos pontos do paiz, até mesmo dos mais apartados. O pessoal do mosteiro tornou-se numerosissimo, tanto de monjas, como pelo que respeitava a servas, noviças, capellães e familiares; e de portas a dentro um certo conforto afidalgado e um censuravel luxo relativo alastravam-se faceis e convidativos pelas amplas cellas das professas mais graduadas e mais antigas na reclusão.

Para que o leitor faça uma ideia da cifra a que ascenderam as rendas do mosteiro, vou dar-lhe aqui uma nota da receita e despeza do mesmo, extrahida por mim do cartorio, e relativa ao triennio de 1786 a 1789. Eil-a: — Do 1.º de abril de 1786 a 31 de março de 1789 a receita do mosteiro foi de 37:199$290 réis, e a despeza, na mesma epocha, de 38:311$421 réis, dos quaes nas obras do claustro 8:960$835 réis.

(Continúa) *Abel Acacio.*

ERRATA. — A pag. 22 d'este volume, lin. 41, onde se lê, — *realisado em 1184*, deve ler-se, — *realisado em 1174*.

AO SOM DO HYMNO!

(AO CONDE DE SABUGOSA)

Quando entrei no meu quarto, que era o n.º 10 da hospedaria da *Bella Aurora*, encontrei sobre a meza a seguinte carta:

«Estás denunciado e preso, infeliz! Já sei que andas a passeiar cá pelo Minho. Procurei-te á hora em que tinhas sahido; e, como não posso esperar mais tempo, deixo-te n'esta carta o convite mais cordeal que é possivel fazer-se, para ires a minha casa de Santa Eulalia. Vaes? Na supposição de que accedes, mandar-te-hei logo a egoa do meu irmão abbade. É muito pacifica, e conhece tanto o caminho da casa, que te podes deixar ir por esses atalhos fóra com a mesmissima confiança com que o bom Frei Bartholomeu dos Martyres percorria as serras agrestes do Barroso — *com os braços cruzados e os olhos no ceo, e as redeas da mula lançadas em banda*...

Não te arrependerás da visita. N'esta pobre Thebaida em que vivo encontrarás a *pouca vacca* e o *muito riso*, que o santo arcebispo de Braga offerecia aos seus hospedes.

O Julio Cezar Machado disse n'um folhetim que tu apreciavas com entranhado amor de artista as scenas pittorescas das nossas aldeias. Pois bem! Amanhã temos aqui uma festa grandiosa. Ha missa cantada, sermão, arraial e procissão. Quero que assistas á festa, e que recebas a apresentação solemne e circunspecta dos meus eleitores! Hein? É d'arregalar o olho! Mas desde já te previno que te não annunciarei como escriptor publico Esta santa gente conserva ainda pelos poetas e romancistas o mesmo desdem e compaixão, que sentiu Naso por Ovidio, quando os amigos lhe disseram que o filho fazia versos etc., etc., etc.

Teu amigo

Fernando.

P. S. Para festejar a tua vinda, mandei matar dois leitões.»

Que diabo de Julio Cezar Machado! Era justamente no dia da festa, que eu tinha projectado ir a pé com um sabio allemão, que encontrei na viagem, ver um *dolmen* a distancia de duas leguas! A carta do Fernando alvoroçou-me, e fez-me mudar de tenção. Eu não podia perder o arraial de Santa Eulalia, o sermão, a missa cantada, e, sobretudo, a apresentação dos eleitores! Despedi-me, pois, n'uma effusão de ternura do sabio, e offereci á santa o sacrificio da archeologia. Seja tudo pelo amor de Santa Eulalia!

Logo que o calor declinou, saltei para cima da egoa, que um moço da lavoura segurava pela arreata á porta da hospedaria. Como visse o rapaz fazer mensão de partir, perguntei-lhe se me não acompanhava.

— Não, senhor — respondeu elle. — Eu vou arrecadar o dinheiro de um milho que o senhor doutor mandou hoje á feira.

Oppuz que não sabia o caminho; e o criado, depois de meditar um instante, disse-me:

— Não tem duvida! Eu vou ter com o senhor da outra banda do rio. Metto por um atalho, e de caminho estou lá.

— E como hei-de eu ir ter ao rio?

— Ah! isso não tem que saber, meu senhor! Olhe, siga por esta rua abaixo; lá no fundo, tome á sua mão direita; depois, ha um salgueiro, e á beira do salgueiro, ficam umas *alminhas*... Pois em chegando o senhor ás alminhas, enxerga logo a ponte.

Tomei a redea, e segui a chouto na direcção que o homem indicou.

Sahi da villa por uma rua estreita e tortuosa, apertada entre velhos cazebres. Na margem do rio vi o salgueiro, e, sentado junto do nicho das almas, a classico mendigo das aldeias, esfarrapado, de garndes barbas grisalhas, com a saccolla e as muletas postas ao lado, pedindo esmola n'uma supplica plangente! Da outra banda do rio, no sopé do monte, o criado do meu amigo esperava-me sentado á sombra de um grande castanheiro.

Não se imagina a animação que havia n'esse dia na estrada! Calcula-se que tinha havido feira; e era vespera de romaria! A gente que viera á villa regressava então para os seus casaes. Mas, á maneira que nos iamos adiantando, rareava a concorrencia. Alguns lavradores deixaram-se ficar pelas tabernas que havia á beira do caminho; outros tomavam pelas azinhagas; etc. etc. e, quando cahiu á noite, uma noite quente de Julho, seguia eu pelo meio da estrada solitaria, debaixo de um ceo muito estrellado e n'aquelle vasto silencio dos campos, quebrado, de longe em longe, pelo ladrido aspero dos cães!...

Foi assim que cheguei a Santa Eulalia. Ao dobrarmos a cumiada de um outeiro, o rapaz que me encaminhava, estacou á frente da egoa, e disse-me, apontando ao longe:

— O senhor vê aquella luz, lá adiante, ao pé de um sobreiro?

— Vejo.

— Pois é alli que fica a freguezia.

É linda a paizagem de Santa Eulalia! A estrada atravessa pelo meio da povoação como uma rua. A egreja assenta no respaldo de uma collina. No meio do adro, plantado de oliveiras, ha um cruzeiro de pedra. Fica ao lado a residencia do se-

(1) Gav. 3.ª, maç. 2, n.º 1.

nhor abbade, e junto do passal corre o muro do cemiterio, um muro triste, coberto de heras e parietarias, sobre o qual se destaca a rama esguia dos cyprestes. De noite, na torre da egreja ouvem-se piar os mochos.

No dia seguinte á minha chegada, levantei-me cedo, e abri a janella do meu quarto que dava para a estrada. Estava uma deliciosa manhã de dia santo da aldeia! Aquella hora, ainda se sentia no ar a frescura do orvalho. A verdura dos campos e as folhas das arvores brilhavam ao sol como um esmalte novo. O sino da egreja repicava ao longe, os gallos cantavam, e a pequena distancia do meu quarto, ouvia-se o marulho triste da agua de uma levada que cahia num açude.

Defrontava com a minha janella uma cazita pobre, com uma porta e um postigo. Tinha, á frente, uma leira de terra plantada de horta murada por uma moita de silvas, junto da parede uma ramada, e á sombra de um castanheiro uma pia de pedra. Da chaminé começava a sahir uma nuvem de fumo, que exhalava o cheiro balsamico de pinhas queimadas. Sobre o telhado, ennegrecido pelo tempo, crescia herva. Ora, o mais bonito, era ver aquella casa tão pobre cercada de pombas por toda a parte! Pombas pelo telhado, pombas sobre a ramada, pombas sobre a horta; tudo coberto de pombas a espannejarem as azas á luz quente do sol! Detive-me a olhar para lá entretido durante algum tempo. Ao cabo de alguns minutos, a porta abriu-se; e então — foi como uma apparição! — uma rapariga alta, de cabellos loiros, fresca e rosada, assomou no limiar. Todas as pombas a cercaram. As que estavam na porta esvoaçavam-lhe aos pés; as da ramada poisavam-lhe nos hombros; as do telhado desciam-lhe sobre a cabeça!...

E imaginem então se não era um quadro encantador, ver alli aquella rapariga, de pé, saccudindo a cabeça para affugentar as pombas, rindo ás gargalhadas e atirando do regaço do avental ás mãos cheias de milho, que se espalhava pela horta! Mas, apenas deu com os olhos em mim, fitou-me um instante, e recolheu-se ruborisada. As pombas, assim que a viram entrar em casa, cahiram n'uma revoada sobre o milho...

Logo que o meu amigo me appareceu, referi-lhe o caso

— Ah! — disse-me elle. — Vês isso todas as manhãs que aqui estejas. É a neta do João Alves...

João Alves é um velho veterano, que partiu de Santa Eulalia aos vinte e tres annos para militar no cerco do Porto. Terminada a guerra, recolheu-se á aldeia, com a medalha da Torre e Espada, que D. Pedro IV lhe collocou ao peito, e uma balla no quadril direito. Nunca mais quiz saber do exercito. Fez o seu dever, arriscando a vida pela liberdade, e refugiou-se depois no remanso da sua aldeia, d'onde nunca mais sahiu.

— Mas — disse eu ao meu amigo — isso que tu me contas é da Historia romana! Quem depoz a espada triumphante e pegou na rabiça do arado, não foi o João Alves, homem, foi Cincinatus.

— Não gracejes, e ouve: — Quando entrou em casa, João Alves encontrou a mulher moribunda. Ficou-lhe um filho, que andou a estudar latim comigo em casa de um velho frade carmelita que ahi viveu. Esse filho casou, enviuvou e morreu tambem!... Ahi tens a historia do velho.

— E a rapariga?

— A rapariga é a neta. Hoje, resta-lhe a companhia d'ella e a leira da terra em que vivem... Pobre João Alves! Um dia foi accommettido por uma apoplexia, que o ia matando. Sobreviveu ao ataque; mas ficou lezo do lado esquerdo. Quando, ha sete annos, n'uma noite tempestuosa de inverno, a neta lhe entrou pelo quarto a gritar que a casa se alagava com a chuva, o velho ergueu-se do leito, a tremer, e esteve toda a santa noite a chorar e a rezar junto da rapariga. Dois dias depois quiz caminhar, e os pés ficaram-lhe collados no sobrado. Foi desde então que a paralysia o accommetteu de todo; e hoje vive...

O meu amigo chegou-se á janella, e disse-me:

— Olha, vê como elle vive.

E eu vi a neta de João Alves a impellir para debaixo da ramada uma cadeira de rodas de paralytico. O velho olhava para a rapariga com um semblante de ternura, onde se adivinhava um sorriso de gratidão!...

Um homem de opa escarlate, todo esbaforido, parou defronte da minha janella, e gritou para cima:

— Diga ao senhor doutor que a festa vae começar; e que chegou agora mesmo a tropa. Ouviu, senhor? — e accrescentou com um grande ar de solemnidade: — A tropa!

Houve missa cantada, houve sermão prégado pelo senhor abbade, musica no palanque do arraial, duas girandolas de foguetes e tres morteiros, que atroavam os ares, e faziam fugir de medo os passarinhos! Mas o mais extraordinario devia ser a procissão; porque tinha de ir acompanhada pela tropa! Nunca tal se tinha visto!

É o diabo a politica! Imaginem que o meu amigo estava em risco de perder a eleição. Na vespera apresenta-se-lhe em Santa Eulalia um lavrador abastado da freguezia que levava á urna para cima de oitenta votos.

O homem parou em frente do deputade e propoz:

— Senhor doutor, os meus votos são de v. ex.ª com uma condicção...

O meu amigo, que tinha lido o Numa Roumestan, offereceu-se para tudo.

— Isto é uma birra! — dizia o influente. — Metteu-se-me em cabeça ser este anno o juiz da santa; e então quer-se uma romaria de estrondo. V. ex.ª faz o que eu lhe pedir?

— Diga.

— Eu quero que atraz da procissão, no dia da festa, vá muzica e tropa! Vae? E em troca, os oitenta eleitores levo-os eu á bocca da urna, como se fosse um rebanho de carneiros.

O meu amigo já se sabe que venceu a eleição!

A procissão tinha de sahir ás seis horas da tarde. O sino da egreja chamava os irmãos desde o meio-dia. Os mezarios andavam n'uma faina, do altar para a sachristia e da sachristia para o adro. Via-se, de vez em quando, apparecer á porta da egreja o sachristão, vestido de batina escarlate e sobrepeliz bordada... Olhava vagamente o céo e recolhia-se.

Cá fóra, junto ao muro do adro, estava formada uma força de trinta soldados, commandada por um alferes. Os rapazes da aldeia estacavam em frente da tropa, com as boccas escancaradas.

Ás seis horas, subiu ao ar a ultima girandola de foguetes, estoirou o ultimo morteiro, e, ao repique festivo do sino, a procissão principiou a sahir lentamente da porta principal da egreja!

Pouco tempo depois, appareceu na curva da estrada. No fundo azul do ceo, destacava-se o estandarte, que vinha seguindo e oscillando no ar como a vela d'um navio. Já se ouvia a muzica. Ao passar a procissão debaixo das janellas da casa do sr. deputado, o homem que levava o estandarte, ergueu-o bem alto, e caminhou a passo mezurado, com a cabeça firme, e a vara junto do peito... Seguiam-se, por entre as duas alas da irmandade, tres anjos vestidos de setim, com sapatos brancos e palmas verdes nas mãos. Depois vinha o andór, trazido ao hombro de oito devotos. A santa tinha uma capa de setim azul com relevos de oiro; e sobre os caracoes luzidios do cabello, o resplandor de prata, cravejado de rubis, estremecia no alto!

Quiz observar no rosto do paralytico a impressão que lhe causava a presença dos soldados Pobre João Alves! Havia tanto tempo que elle os não vira! Tinham-lhe chegado a cadeira de rodas para a beira do quintal, d'onde podesse gosar tudo. A neta, ao lado, com um braço sobre o espaldar da cadeira, á maneira que o prestito passava, ia-lhe explicando alto ao ouvido:

— Agora, vem o andor. Vê, meu avô?

O João Alves sorria.

— Agora, é o Santissimo...

E seguia o pallio todo coberto de folhas de rozas. Ia debaixo o sr. abbade, com uma rica capa d'asperges reluzente d'oiro, a custodia entre as mãos, junto do peito...

— Agora, é a tropa, meu avô...

De repente, o rufo dos tambores cessou; e a muzica, a bella muzica de Santa Eulalia, rompeu triumphantemente com o hymno da carta! Houve no publico um estremecimento de enthusiasmo!

N'esse momento, vi o paralytico abrir muito os olhos, fincar as mãos na cadeira, e esforçar-se por gritar; mas passou-lhe nos labios um sorriso de resignação, e a cabeça cahiu-lhe inerte sobre o peito!

E, em quanto o olhar limpido e contemplativo da neta ia seguindo maravilhado a procissão de Santa Eulalia, que desfillava com toda a pompa — na face do velho veterano deslisavam duas grossas lagrimas, que a luz do sol poente illuminava como dois diamantes! Estava morto!

Alberto Braga

RESENHA NOTICIOSA

Cremação. Desde que a incineração ou cremação dos cadaveres foi auctorisada em Gotha, apenas tem sido submettidos a ella 144 cadaveres, e comtudo é Gotha a cidade, onde a cremação tem tomado maior incremento. É muito natural que este processo economico e salubre vá tomando incremento, e admira-nos que a Camara Municipal de Lisboa, ainda não resolvesse sobre assumpto tão importante e que ha tempos foi submettido á sua deliberação.

Peregrinação. Viram-se parvos os homens da commissão de Roma, encarregados de alojar e receber os peregrinos, que de toda a parte de Italia se dirigiram á cidade eterna no principio do anno, segundo o seu costume. Assim attendendo á grande quantidade de estrangeiros que tem afluido houve necessidade de dividir os nacionaes por grupos devendo partir de suas terras uns a 5, outros a 7, outros a 8, de modo que por esta boa distribuição todos podessem gozar as vantagens do seu santo exercicio, sem se empecerem uns aos outros.

Conflicto em Marrocos. Os francezes estão em maré de conflictos por toda a parte. Sabe-se que em Saffi, no imperio de Marrocos o consul francez teve uma disputa com o governador; segundo porem alguns jornaes francezes parece que houve alguma imprudencia da parte do primeiro.

Os lapis de Faber. Dois membros da familia de Faber, o inventor dos lapis de mina de chumbo, sustentavam cada um de sua parte, que um só d'elles tinha o direito de usar no seu producto a designação de *lapis Faber*. O assumpto foi levado aos tribunaes de Nuremberg. Depois dos termos do estillo, o juizo competente, pronunciou n'esta causa singular a sua decisão, visto cada um dos contendores provar ser da familia do inventor, que cada um podia usar nos lapis do apellido de *Faber*, acrescentando-lhe porem o seu nome ou pronome, e a marca da sua casa. Aviso aos desenhadores.

Curso livre de instrucção secundaria. Desde o principio de outubro ultimo que a Associação dos Escriptores portuguezes, abriu uma serie de aulas, regidas por professores de muita competencia, as quaes tem sido frequentadas por grande numero de alumnos, entre os quaes muitas senhoras da boa sociedade de Lisboa. Como já dissemos, estas aulas, pela sua multiplicidade tem funccionado em tres localidades, na séde da Associação, na sala do *Commercio de Portugal*, e na sala da *Sociedade de Geographia*. Esta, porém, tendo mudado de casa, não poude continuar a prestar este serviço á instrucção publica, e hoje os cursos que se professavam n'aquella sala, estão provisoriamente installados na séde da Associação; mas a casa tem poucas salas e pequenas, e não poderá sem grande embaraço e pouca commodidade servir para tanto. Fora bom que a Direcção se dirigisse ao governo ou á Camara Municipal afim de remediar este inconveniente, que estamos certos obteria sem difficuldade, visto ser seu presidente o actual sr. Ministro da Marinha, e seu vice-presidente, um vereador municipal.

Manual do imperio allemão. Desde este anno, aquelle Manual tem duas edições, uma em caracteres gothicos, outra em latinos. O sr. de Bismarck, que não pode ver o allemão escripto em caracteres latinos, assignou para a edição gothica, assim como os ministros da Marinha e da Guerra, mas com grande surpresa da corte, o ministro do imperio, sr. Puttkammer, apesar d'um nome que se escreve por este gosto, subscreveu para a edição latina.

Companhia de Timor e Macau. Está já constituida esta companhia, que se propõe: emprehender operações agricolas e industriaes nas colonias portuguezas do extremo oriente; crear e desenvolver meios de communicação e relações commerciaes entre Portugal e suas colonias e portos estrangeiros dos mares da China e Oceania. Era na realidade uma vergonha, que sendo Portugal, o primeiro descobridor d'esses mares e paragens, o seu primeiro colonisador, e o primeiro que verteu o sangue de seus filhos em holocausto á obra da civilisação universal, e relações com os povos longinquos, onde ainda conserva importantes colonias, receba d'ellas o commercio por intermedio de estrangeiros. Durante o periodo de installação uma commissão executiva composta dos srs. Visconde de Macieira, Henrique Mendia, e Joaquim Carlos Paiva de Andrade, tem todos os poderes para proceder aos trabalhos preparatorios. A séde da Associação é em Lisboa, e o seu capital de novecentos e noventa contos. Fazemos votos pelo prospero successo d'esta companhia, como o fazemos por todos os assumptos coloniaes.

Novo curso de ensino livre. A benemerita *Associação dos funccionarios publicos*, seguindo o exemplo da dos *Escriptores portuguezes*, tambem abriu um curso livre e gratuito, especialmente destinado a habilitação dos individuos que se destinam ao commercio e industria, e carreira de funccionalismo. É tambem digna de louvar esta iniciativa e desejamos-lhe igualmente prospero successo.

Divorcio notavel. Segundo alguns periodicos estrangeiros a chegada do principe Frederico Carlos a Berlin, foi seguida de um acontecimento grave. A princesa, sua esposa, apresentou uma petição regular de divorcio. O escandalo foi enorme na côrte, esforçando-se o imperador por arranjar uma separação particular. A princesa, porem, diz-se que resiste a que lhe falem em accommodação. Diz-se que já em 1864, se tinha falado bastante das damas que seguiam as bagagens do principe no Sleswig-Holstein. — A princesa está casada desde 1864, sendo oriunda do Anhalt-Dessau. Em 1861 tambem se divorciou do landgrave Aleixo de Hesse, a princeza Luiza, irmã d'aquelle principe. Isto é o que recolhemos de folhas estrangeiras.

Calices antigos de prata dourada, pertencentes ao sr. Luiz da Costa

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, 4.ª série, n.º 2, contem: I *A ilha de Santo Antão*, noticia geral e summaria do archipelago de Cabo Verde, na qual se conglobam muitas observações, indicações e apontamentos, rectificando-se algumas de auctores que d'ellas já tinham tratado. Ha no principio d'este artigo um erro notavel, confundindo o auctor um trecho da relação de Diogo Gomes, relativo ás suas explorações em Africa, e extrahida da collecção manuscripta feita por Valentim Fernandes no principio do seculo XVI, com o documento passado a Antonio de Nolle, aonde o simples bom senso mostra, que se não podiam ler taes palavras; — II *Recordações do quinto corpo do exercito francez*, manobras do outomno de 1880; — III *Provincia da Guiné Portugueza*, descripção geral do paiz, com observações sobre a sua organisação, costumes e necessidades; ha observações que, com quanto justas e sensatas, se não deviam consignar em trabalhos que hão de ser impressos no *Boletim* que vae correr mundo, que entra em todas as sociedades scientificas e litterarias, e que vão no estrangeiro dar armas contra nós; parece-nos que na conjunctura presente, deante de uma conspiração levantada por esse mundo fóra, deviam ser muito cautelosos os escriptores, em assumptos coloniaes, e ainda muito mais cautelosas as redacções dos periodicos de certa natureza. — 4.ª série, n.º 3, continuação dos artigos antecedentes, e em ambos lista dos socios, e elenco das commissões e secções de que se compõe o regimen interno da Sociedade.

La question du Zaire, *suum cuique*, lettre a mr. Behaghel, redacteur du journal internacional *Le Nord*, por mr. Luciano Cordeiro... Lisbonne... 1883; nove paginas, impugnando as asseverações de Stanley *(moderno)* e outros a nosso respeito, nomeadamente com relação ao nosso dominio no Congo e levantando alguns erros de varios estrangeiros sobre o assumpto da nossa Africa.

Stanley's first opinions, *Portugal and the slave trade*. Lisbon. . 1883. Como se sabe, Stanley, em uma carta escripta de poucos mezes á Sociedade de Geographia de Londres, atacava Portugal de uma maneira indigna de um cavalheiro, e dizendo o contrario do que, quando simples viajante, atravessára a Africa sem vistas commerciaes, que hoje são o seu guia; por isso a Sociedade de Geographia de Lisboa julgou conveniente imprimir agora a carta, que Stanley escrevera em 1878 á *American Anti-Slavery Society*, muito justa e lisongeira para nós, e outra que o secretario da mesma Sociedade de Geographia de Lisboa, o sr. Luciano Cordeiro, lhe escrevera por essa occasião, congratulando-se com elle, em nome da sociedade, pela sua heroica travessia e pela imparcial e nobre franqueza com que restabelecia a verdade dos factos relativos á parte que Portugal tomou na extincção do trafico da escravatura, pelo que tinha sido até então tão injusta e systematicamente calumniado por escriptores e viajantes estrangeiros, — em cuja phalange o sr Stanley se alistou depois que se converteu de correspondente de jornaes, em agente de traficantes.

Bulletin de la Société Académique Franco-hespaño-portugaise de Toulouse *(subventionnée par le Conseil général de la Haute Garonne et par la Ville de Toulouse)*, tome IV, 1883, numero 2. — *Toulouse, siège de la Société, rue Saint-Antoine-du-T, 20.* Comprehende: *Aperçu sur les travaux de la section de geographie et description de la Province de Lugo*, par M. J. M. Lluch de Diaz; *Notice sur Santa Maria de Narranco et San Miguel de Lillo*, églises asturiennes, par M. le baron Arlot de Saint-Laud; *Culture et acclimation de l'igname batate (variété portugaise)*, par M. Clément Sipière, onde o illustre presidente enuncia rapidamente os resultados das tentativas do sr. Fourcade filho, para a introducção no seu paiz da cultura d'aquella deliciosa planta, variedade cultivada nos Açores; esta cultura já tinha sido ensaiada em outros tempos, mas parece que se discontinuou d'ella. N'este estudo vem citada uma relação anonima de 1605 que nos póde interessar e que tem por titulo: *Description et recit historial du riche royaume d'or de Gynea, aultrement nommé, la coste de l'or de Mina, gisante en certain endroict d'Afrique, &c., imprimé chez Cornille Claesson demourant sur leau a Amsterdamme, Anno MVIC. V.*

ENYGMA

N'este substantivo,
Sendo repetido,
E tendo no centro
Rio conhecido,
Todos podem vêr
Um verbo sabido

Carmo e Sousa.

Explicação do enygma do n.º antecedente: Caracoleiro.

ERRATA

Em o numero antecedente sahiu por engano o artigo «Alto Congo e as Estações de Stanley» com *continua* quando o artigo ficava concluido, como é facil de vêr pela leitura do ultimo paragrapho.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Typographia Elzeviriana — Lisboa

Gabinete de Leitura

ROMANCES ILLUSTRADOS DE TODAS AS NAÇÕES

SEMANARIO DAS FAMILIAS

50 RÉIS — CADA SEMANA — 50 RÉIS

EM LISBOA E NAS PROVINCIAS

Este semanario publica romances escolhidos nacionaes e traduzidos de todas as litteraturas conhecidas.

TRADUCÇÕES DOS MELHORES ESCRIPTORES PORTUGUEZES

Illustrações de Manuel de Macedo

Recebem-se assignaturas em casa dos editores Caetano Alberto & Faro, Rua Oriental do Passeio, 8 a 20, e na Empreza do Occidente, Rua das Chagas, 42.

Para as provincias podem-se fazer assignaturas por séries de 13 numeros — 650 reis.